

Comunicação e gênero: um inventário

The Gender Notion in Media Studies

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy¹

Bárbara Nassif²

Cristina Vanuzzi³

Mariana Pires⁴

Pedro Henrique Reis⁵



Resumo

O artigo trata de um levantamento feito nos periódicos da Revista Brasileira de Comunicação – INTERCOM, Comunicação & Sociedade e Diá-logos de la Comunicación da Federação Latino-americana das Escolas de Comunicação Social (FELAFACS), identificando a problemática das relações de gênero como objeto de estudo da área da comunicação.

Palavras-Chave: **Gênero. Estudos de Comunicação. Levantamento Bibliográfico.**

Abstract

The article presents a bibliography study based on journals like Revista Brasileira de Comunicação – INTERCOM, Comunicação & Sociedade e Diá-logos de la Comunicación da Federação Latino-americana das Escolas de Comunicação Social (FELAFACS), identifying the gender notion as object of research in media studies.

Keywords: **Gender. Communication Studies. Bibliography Study.**

Introdução

Que tem sido divulgado, em periódicos do campo acadêmico da Comunicação, promovendo a articulação da problemática das relações de gênero como objeto de estudo daquela área acadêmica? Partindo dessa indagação, em primeira etapa, pesquisamos a Revista Brasileira de Comunicação - INTERCOM e a Revista Comunicação & Sociedade, dois dos mais importantes periódicos nacionais de divulgação de estudos de Comunicação, assim como a Revista Diá-logos de la Comunicación, da Federação Latino-americana das Escolas de Comunicação Social (FELAFACS), uma publicação de prestígio no âmbito da pesquisa latino-americana de Comunicação.

Os resultados dessa pesquisa documental fazem parte do projeto de pesquisa que desenvolvemos junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, intitulado “Os Estudos Culturais e a temática da recepção: a categoria gênero em debate”, coordenado por Ana Carolina Escosteguy (PUCRS). Esta investigação, apoiada tanto pela FAPERGS quanto pelo CNPq, tem como objetivo geral analisar o tratamento dado às relações de gênero nos estudos de recepção que se vinculam à proposta maior dos Estudos Culturais.

Contudo, o recorte efetuado para os propósitos que norteiam este trabalho de divulgação será mais abrangente. Nosso interesse, neste momento, é realizar um levantamento de relatos de pesquisa, artigos, ensaios

¹ Dra. em Ciências da Comunicação ECA, USP, profa. do Programa de Pós-Graduação em Comunicação PUCRS, pesquisadora do CNPq. E-mail: carolad@pucrs.br

² Estudante de Publicidade e Propaganda/PUCRS e bolsista PIBIC CNPq/2003. E-mail: babi1208@terra.com.br

³ Estudante de Jornalismo/PUCRS e bolsista PIBIC FAPERGS/2002. E-mail: vanuzzi@hotmail.com

⁴ Estudante de Jornalismo/PUCRS e bolsista PIBIC CNPq/2002. E-mail: piresmariana@hotmail.com

⁵ Estudante de Jornalismo/PUCRS e bolsista PIBIC CNPq/2002. E-mail: oxyghene@hotmail.com

teóricos e comentários, publicados nos periódicos já citados, que explorem a problemática entre as relações de gênero e a Comunicação, através de distintos temas, diversas metodologias e embasamentos teóricos diversos. Dada a amplitude do campo do gênero, limitamos a problemática às particularidades referentes às mulheres. Assim, pretendemos recuperar parte da pesquisa que dá visibilidade à mulher como agente histórico e social ou, ainda, aquela que a tem como sujeito-objeto de investigações, divulgada em publicações da área da Comunicação.

A Revista *Diá-logos de la Comunicación*

Conhecida na comunidade acadêmica como *Diá-logos*, a revista começou a circular em meados de 1980 e se auto-definhe como uma publicação de caráter teórico, destacando três eixos prioritários de atuação: abordagem de temáticas atuais através de ensaios teóricos, reflexão sobre o ensino da Comunicação e divulgação de relatos de pesquisa⁶.

Em uma análise da trajetória da revista, no período de 1988 a 1996, entre as temáticas pouco tratadas e que poderiam ser relevantes para o campo da Comunicação, foi identificada a relação entre Comunicação e os Estudos de Gênero⁷. Em nossa pesquisa, analisamos as edições da revista *Diá-logos de la Comunicación* compreendidas entre os anos de 1990 e 1999, referentes aos números 27 a 56, respectivamente, em que também constatamos a fraca presença da referida temática entre os textos publicados.

A metade dos textos analisados, tratando das relações de gênero, foi publicada na edição número 46, de outubro de 1996, dedicado especialmente à temática do gênero e sua relação com os *media*. Os outros trabalhos, de um conjunto de 12 textos encontravam-se nos demais números pesquisados da revista, o que remete à idéia de que a discussão sobre o gênero tem um lugar reservado para se realizar, separado dos demais temas sobre os quais se reflete, no campo da Comunicação.

No corpus pesquisado foram encontrados 12 textos que se inseriam na temática referida. Verificou-se, contudo, que estes apresentavam uma grande diversidade no tocante aos objetos de estudo e formas

de abordagem, de modo que a tornar difícil o agrupamento dos mesmos, vindo, portanto, a serem comentados um a um.

É interessante apontar que, em alguns textos, as categorias de análise transcendem à noção do gênero, para revelar outras mediações articuladas a esse conceito. Este é o caso do artigo escrito por Nico Vink (1992), que relata os resultados de uma pesquisa realizada no Brasil, com o objetivo de analisar o uso que a classe trabalhadora está fazendo da telenovela.

Os resultados dessa investigação apontam para uma clara separação do mundo feminino do masculino, em termos de atividades e interesses. A escolha da programação que deve ser assistida por toda a família cabe, via de regra, ao mais poderoso membro da casa, sendo este normalmente o homem, que também determina os assuntos considerados importantes ou fúteis, podendo gerar, nas mulheres, uma sensação de culpa superior à sensação do prazer ao assistirem às telenovelas. Tal fato, no entanto, não se aplica à maioria das mulheres brasileiras de classe baixa, que demonstram ter orgulho de ver novelas, enquanto os sentimentos encontrados na classe média a este respeito são de distanciamento, vergonha e ironia.

Segundo Vink, a TV também contribui para a reelaboração da identidade masculina e feminina. A marcante diferença que antes caracterizava cada um dos sexos, está perdendo sua rigidez. As mudanças de visual, entre machos e fêmeas, não alteram a posição tradicional entre homens e mulheres. Para a classe trabalhadora, no entanto, os conceitos de masculino e feminino não são conceitos biológicos, e sem parâmetros de sexualidade ativa ou passiva. O sexo, como conceito, está subordinado à concepção de classe, pois foram percebidas diferenças de decodificação mais contrastantes entre mulheres de distinta classe social do que entre homens e mulheres da classe trabalhadora.

A telenovela, também, foi objeto do artigo escrito por Nora Mazziotti (1996). Nesse trabalho, a autora analisa dois modelos da telenovela argentina da década de 90: as telenovelas “de produtor” e as telenovelas “de atriz”, as quais se baseavam na atuação de uma ou outra dessas figuras.

No primeiro caso, a autora destaca a presença de um “protofeminismo”, uma vez que as personagens

⁶ Ver Orozco, Guillermo, La investigación de la comunicación dentro y fuera de America Latina. La Plata/Buenos Aires, Ediciones de Periodismo y Comunicación - Universidad de La Plata, 1997.

⁷ Ver Orozco, 1997.

geralmente se opõem às normas sociais vigentes, para se aventurar em por caminhos proibidos à mulher, mantendo uma relação anacrônica com o período histórico em que decorre a trama. Os discursos apresentados nessas telenovelas não estabelecem uma conexão com as reivindicações e convenções próprias da época retratada.

Já nas telenovelas fundadas na atuação de uma determinada atriz, é construído um outro tipo de heroína feminista. Esta tem independência econômica e de pensamento, sendo a ela permitido o uso da sedução, antes reservado às vilãs, contrapondo-se ao modelo anterior, caracterizado por mulheres ingênuas e puras. Mesmo assim, é possível afirmar que ambos os casos referendam convenções no que tange à virgindade, à castidade e ao matrimônio religioso.

Um terceiro trabalho, escrito por Navarrete e Torres (1996), ocupa-se em explorar as categorias de classe e gênero, as quais soma-se a de raça, desta vez, em duas obras literárias representativas da utopia feminista. Assim, através do estudo de dois livros, “Herland”⁸ (1915) e “Mujeres al Borde del Tiempo”⁹ (1976), os autores avaliam o desenvolvimento das questões feministas a partir da década de vinte.

No primeiro, “Herland”, não aparece uma discussão mais aprofundada sobre classe e raça como formas de opressão, enquanto há urgência em recordar a injustiça no tratamento dado às mulheres neste período. Por isso, o assunto central na trama é unicamente o gênero. Já “Mujeres al Borde del Tiempo”, aponta o quanto as variáveis de classe e raça podem determinar o papel do indivíduo na sociedade, revelando uma ampliação das principais preocupações do movimento feminista dos anos 70.

O ponto de conexão entre as obras analisadas é a crítica a uma concepção de gênero polarizada e aos estereótipos decorrentes disso, configurando-se em chamado a uma ordem em que impere um modelo de gênero alternativo.

Outra forma de abordagem é apresentada por Liuva Kogan (1996), em “Descifrando los cuerpos sociales: una aproximación sociológica”. Nesse trabalho, o corpo é um locus social historicamente situado, através do qual e no qual se constrói o gênero. Os corpos das mulheres e os corpos dos homens são construídos de

maneira diversa, já que o feminino e o masculino se definem como estereótipos opostos em nossa cultura. Os meios de comunicação têm um papel fundamental na reprodução desses modelos corporais.

Na cultura ocidental, identificamos dois sexos e dois gêneros exclusivos, isto é, homem-masculinidade e mulher-feminilidade. No entanto, esta é uma construção social, entre outras possíveis, pois como mostram estudos antropológicos, existem sociedades nas quais os corpos são interpretados de tal forma que dão lugar a mais de dois sexos e/ou mais de dois gêneros, entendidos, aqui, como um conjunto de estereótipos que são atribuídos aos indivíduos em razão de seu sexo. Sendo assim, o corpo representa um espaço onde e através e pelo qual se pode transgredir as normas de gênero impostas a mulheres e homens.

“Monstruos de una especie y otra: Cruce de generos en el espectáculo”, de Rafael Mandressi (1996), trata de entender os vínculos da relação personagem-ator no contexto social, cultural e profissional dos espetáculos teatrais. Durante os séculos em que a mulher esteve ausente dos espetáculos teatrais, os papéis femininos eram representados por homens.

Alguns casos, como os *onnagata*, no Japão, revelam a troca de gênero que os atores precisavam incorporar para representar personagens femininos. Apesar de casarem e terem filhos, esses atores eram criados como meninas, para que o corpo cênico assimilasse uma idéia de corpo feminino. Não se tratava de construir uma pseudomulher, através da modificação corporal, mas instrumentalizar o aspecto físico masculino para que dali aflorasse um gestual feminino.

Nesse contexto, para escapar da proibição de atuar, algumas mulheres tinham de passar por um processo ainda mais complexo. Num primeiro momento, elas deveriam adotar uma postura masculina, para depois assumirem a posição feminina. Era preciso parecer homens para serem mulheres-atrizes.

Em suma, a diversidade deste tipo de situação permite comprovar a onipresença da categoria sexo como dimensão que organiza as instituições sociais. Mas, ao mesmo tempo, evidenciando a extrema variabilidade entre uma sociedade e outra no que diz respeito ao conteúdo, isto é, variabilidade nas características sociais e psicológicas destinadas a um

⁸ Ver GILMAN, Charlotte. Herland. Nova Iorque: Pantheon Books, 1915.

⁹ Ver PIERCY, Marge. Woman on the edge of time. Nova Iorque: Alfred Knopf, 1976.

ou outro gênero. A gramática social de cada sociedade sobrepõe-se, em alguns casos, às evidências biológicas, principalmente, nas artes e nos espetáculos cênicos.

O silêncio sofrido pelas mulheres não se limitou ao universo teatral. Segundo Teresa Navarrete e Torres (1996), desde os primórdios de todas as sociedades, sempre houve mecanismos de controle social sobre as mulheres e assimetria na distribuição entre direitos e obrigações entre os sexos.

Vários estudos de Linguística, apontados pela autora, contribuem para identificar as particularidades nos léxicos empregados pelas mulheres, ou seja, o feminino se constrói através de seu discurso e a maneira em como a linguagem é codificada transmite o sexismo de uma determinada sociedade. O estilo do discurso feminino é descrito como mais inseguro, dúvida, mais educado e indireto, o que se vincularia a toda uma tradição de expressividade silenciosa. Eufemismos e tabus são característicos do vocabulário socialmente apropriado para o gênero feminino.

O discurso do homem é tido como “mortífero” para a mulher, uma vez que, ao tomá-la como objeto, suprime-lhe a posição de sujeito e decide o que é adequado para ela. Desse modo, as obras escritas por mulheres têm um desenvolvimento particular, “que redefine as defasagens entre Biologia e Cultura, entre Autonomia e Dependência, entre Corpo e Pensamento, entre Sensibilidade e Raciocínio” (NAVARRETE; TORRES, 1996). Os escritos das mulheres notam e problematizam as categorias mais ocultas dos prejuízos do gênero.

Apesar do controle exercido sobre as mulheres, sua participação cresceu substancialmente nos últimos anos, nas mais diversas áreas de atuação social, ainda que não tenha alcançado os índices que as colocariam em posição de igualdade em relação ao sexo masculino. “Hombres y mujeres que deciden: el espacio público empresarial uruguayo” é o título do ensaio de Carmen Rico (1996), que trata mais concretamente do tema da incorporação das mulheres no âmbito da tomada de decisões e de *«policy makers»*, tanto em nível empresarial como no de produção, no Uruguai.

Há um crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho e estas têm maior grau de instrução que os homens, não obstante estes últimos estarem mais capacitados para o trabalho, ou seja, dispõem de maior capacitação técnica. Existe, ainda, um conjunto de mulheres com formação universitária,

que não consegue ocupar cargos aos quais ascendem homens com menor número de anos de estudo.

Sobre a seleção de suas carreiras, as mulheres são orientadas pelo imaginário social, o que as predispõe a escolher carreiras mais “brandas”, enquanto os homens se dedicam às ciências. Nas profissões tradicionalmente consideradas como masculinas, as mulheres aparecem, consequentemente, subrepresentadas.

O índice de crescimento da participação feminina na imprensa, como nos demais setores, também cresceu nos últimos anos. Esta foi uma das conclusões da pesquisa realizada por Susana Aldana e Rossana Gómes (1998), com o intuito de levantar o perfil dos trabalhadores da imprensa paraguaia. Para tanto, foram entrevistados 465 jornalistas, o que possibilitou verificar que 30% destes são mulheres, um índice que se restringia a 17% em 1988.

Os salários recebidos pelas mulheres, no entanto, continuam sendo inferiores aos pagos aos homens pelo exercício das mesmas atividades, ainda que as mesmas tenham maior índice de formação acadêmica (embora, no Paraguai, não seja obrigatório a formação superior para desempenho da profissão).

No âmbito da participação política, analisada na pesquisa de Rosa Maria Moreno (1996), não há forte presença feminina. A fim de entender a relação entre as mulheres e o mundo político, Moreno realizou uma pesquisa com 293 homens e 307 mulheres com mais de 18 anos, em 34 distritos de Lima e Callao, no Peru. A partir dos dados coletados, concluiu que homens e mulheres, devido ao advento dos meios de comunicação, relacionam-se com a esfera pública e política sem sair de casa, havendo uma transformação no modelo tradicional do exercício da cidadania.

Hoje, o espaço doméstico é um microcosmo, onde há construção da política, o que recoloca o tema da democracia especialmente no sentido de entender como, com que independência e segundo quais normas se aprende a ser cidadão a partir das relações de gênero que se vive no lar, principalmente no que tange à questão homem-mulher.

Apesar de uma aceitação geral de que a mulher deve participar do processo político, os homens se negam a admitir a capacidade feminina de administrar, ao mesmo tempo em que ressaltam outras qualidades que configuram o estereótipo feminino, como a honestidade e a sensibilidade. O exercício efetivo de cargos políticos, no entanto, não é para qualquer mulher,

estando reservado somente àquelas em que a profissão não venha a afetar, de modo algum, a família, o que corresponderia ao modelo da “mulher forte”, diferente das pessoas comuns.

Uma profissão majoritariamente masculina é, também, a de diretor de cinema. Segundo a recapitulação histórica do trabalho de Rafaela García Sanabria (1995), intitulado “Cien años de cine: voces de mujer”, desde a primeira exibição de um filme, em 1895, o número de mulheres cineastas sempre foi muito restrito, assim como a delimitação do tema do artigo, que não se esforça em ampliar mais a discussão do porquê desta realidade.

“El consultorio radial: esse viejo desconocido”, de Helena Pinilla García (1992), trata do gênero da produção radialística caracterizado pela atenção destinada à esfera do sentimento e da emoção, em que os limites entre o público e o privado são atenuados pela exposição de assuntos íntimos da audiência, a serem comentados pela “especialista em assuntos do coração” que, em vez de aconselhar, acaba por julgar modelos de comportamento, tendo como ponto de referência o estereótipo da mulher sacrificada, trabalhadora e, acima de tudo, moralmente virtuosa. Esse modelo é o mais valorizado, também pelas ouvintes, cujas decisões são sempre determinadas pelos sentimentos, tendo suas vidas regidas pelo destino.

A imagem da mulher, projetada pelas cartas lidas no programa, era de inocência e submissão, ao contrário dos homens, raramente representados. Entretanto, quando apareciam, assumiam um papel oposto ao da mulher: de decisão, extroversão e racionalidade.

Neste tipo de programa radiofônico, há interação mediada entre emissor e receptor, pois ocorre através de cartas. Na atualidade, existe a participação direta do/da ouvinte, através de telefonemas e presença no estúdio. A estrutura também foi adaptada aos novos tempos, agora contando com mais informação e aconselhamento em outras áreas que não o amor, linha mestra do modelo anterior. No entanto, o sucesso permanece, pois o “consultório” permitiu que o mundo das mulheres populares participasse da cultura de massa, ao se constituir um espaço onde “o ouvinte pode expressar-se e ser escutado, vindo a ser uma espécie de divã popular ou confessorário” (GARCIA, 1992).

Completando o conjunto de 12 textos que tratam de questões de gênero e Comunicação, na revista *Diálogos de la Comunicación*, encontra-se o artigo de Beatriz Sarlo (1991) que detém sua atenção sobre a literatura sentimental dentro do gênero popular,

principalmente no que tange à imagem da mulher, ao mundo afetivo feminino e a seu destino possível. Segundo a autora, é possível dizer que as narrativas sentimentais cruzam um gênero com o sistema de sexos, de uma maneira que remete tanto à ideologia literária quanto à História cultural.

A narrativa sentimental apresentava como tema central uma história de amor, paixão e desejo. Outra temática onipresente era a virgindade, em que a questão central era especular sobre as consequências morais e sociais de sua “perda”. O final destas narrativas era geralmente trágico, assegurando um tipo de moralidade pública necessária tanto ao funcionamento da família quanto à segurança em relação à reprodução humana. Assim, para as mulheres, o matrimônio representava mais que um estado; significava um prêmio.

As mulheres sempre foram as maiores sofredoras neste tipo de literatura. Para elas o castigo por possíveis transgressões em sua conduta moral e social determinada, era muito mais cruel. A ascensão social de um homem sempre tinha como razão esforços individuais válidos, enquanto que as características essencialmente femininas eram tidas como perigosas, principalmente a beleza, entendida como uma possibilidade a mais da mulher se “perder”.

A Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

Desde sua fundação, em 1978, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM) tem sua publicação. No entanto, somente em 1984 o Boletim Intercom transforma-se na Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, sendo editada duas vezes por ano.

Analisando o período de 1984 a 1999, esta pesquisa verificou que em pouquíssimos casos, as relações de gênero foram enfocadas como tema central de artigos, comentários, ensaios e relatos de pesquisa, divulgados na revista da INTERCOM, como é conhecida na comunidade acadêmica de pesquisadores da Comunicação.

Não obstante, a mulher é foco central no texto de Marialva Barbosa, “*A visão da mulher nas revistas de crítica e de costumes no Rio de Janeiro do início do século*”, publicado na mesma revista (Ano XII, n.61, julho/dezembro, 1989). Apesar do trabalho abordar a condição e a representação do universo feminino do

início do século XX, na mídia impressa especializada, não se preocupa com o debate sobre questões de gênero.

Em outra edição (Ano XIII, n.62/63, 1990), encontramos o relato de uma série de pesquisas sobre a telenovela brasileira no exterior, “Telenovela made in Brazil”, de autoria de Elisabet Garcia Altadill, Francisco José Rueda Gallardo, Danela Obradović, Daniel Biltreyst e Nilo Vink. Neste trabalho, a questão do gênero não é tratada com profundidade, embora não se desconheça a problemática.

A primeira vez que se constata um tratamento aprofundado do tema referente ao gênero, no período revisado, aparece no número 65, de 1991. Trata-se do artigo de Cacilda M. Rego, “*Photonovels in Latin America: just a tool for social conformity*”, que se ocupa em descrever a evolução dos estudos de recepção e, nesse quadro, a influência do feminismo. Rego (1991) identifica as relações de poder/gênero dentro das fotonovelas latino-americanas. A autora diz que é necessário, para um melhor tratamento do tema, sair da análise textual e realizar um exame mais apurado das relações de poder/gênero, sem subestimar o leitor ou mesmo esquecer o poder do texto. É assim que Rego reivindica que se pode revelar as relações de dominação e submissão das mulheres, adotando uma visão dos Estudos de Gênero, principalmente no que concerne às manifestações de poder-gênero dentro das estruturas narrativas das fotonovelas. Este posicionamento envolve o estudo das representações da figura feminina frente à masculina.

Em 1992, na edição de janeiro/junho (Vol. XV, n.1), encontra-se o ensaio “*Women, Equality and Media: an Appraisal for the 1990's*”, em que Eileen Mahoney fala sobre a luta da mulher por igualdade de acesso e de representatividade dentro dos Meios de Comunicação de Massa. Mahoney comenta e elucida a relação dos Estudos Culturais com o Feminismo e as nuances entre ambos, construindo uma posição dentro do âmbito dos Estudos de Gênero, sobretudo com aqueles que se preocupam com a mídia.

Já em 1993, na edição de janeiro/junho (Vol. XVI, n.1), Robert A. White escreve “*Media Reception Theory: Emerging Perspectives*” retomando os estudos de recepção a partir de suas origens, destacando a “aproximação crítica anglo-americana”, ligada aos Estudos Culturais, a “aproximação interacionista simbólica” e a “vertente consensualista dos Estudos Culturais”. Entretanto, não identifica a contribuição dos Estudos de Gênero para a teoria da recepção mediática,

mas indica a importância e a necessidade de um aprofundamento dos estudos sobre o *gênero narrativo*.

Na edição de julho/dezembro de 1993 (Vol. XVI, n.2), encontra-se o ensaio “*Estratégias Metodológicas e Pesquisa de Recepção*”, de Maria Immacolata Vassalo Lopes, que discute os variados - e multidisciplinares - desenvolvimentos da pesquisa de recepção. Os textos de Lopes e White sistematizam diversas vertentes ou abordagens da recepção, fazendo menção apenas ao *gênero narrativo*.

Na edição de julho/dezembro de 1995 (Vol. XVIII, n.2), encontramos o relato de pesquisa de Thomas Tufte, “*Como as Telenovelas servem para articular culturas híbridas no Brasil Contemporâneo?*”. O tema central é a hibridização cultural que ocorre nos subúrbios de baixa renda dos centros urbanos brasileiros. Utilizando-se de uma amostra de mulheres, justifica sua escolha com a seguinte argumentação: “Quando me volto para as mulheres, é porque descobri que as mulheres são as principais portadoras e articuladoras das culturas híbridas” (THUFTE, 1995). O autor cita os Estudos de Gênero e sua relação com a recepção, mas não insere sua pesquisa nesse âmbito.

Apesar da fraca presença da temática do gênero no campo da comunicação, encontramos na edição de julho/dezembro de 1997 (Vol. XX, n.2) o trabalho de Milly Buonanno, “*Figura Paterna: rumo a um imaginário sem mãe*”. A autora discute a imagem paterna maternalizada dentro dos meios de comunicação de massa, utilizando-se das contribuições dos Estudos de Gênero e Estudos de Mídia.

A autora conclui que a maternalização transpõe o próprio inconsciente do homem, que se sente perdendo poder e carisma para com os filhos. Este ensaio une Psicologia Social aos Estudos de Gênero, de maneira a criar uma análise aprofundada, ao explicar, a fundo, a perda continua da visão de pai dentro de sociedades cada vez mais órfãs desta parte da família.

Na edição de janeiro/junho de 1999 (Vol. XXII, n.1), publica-se o comentário de Celsi Brönstrup Silvestrin, “*Gênero nos meios de comunicação*”. Dada a proximidade do Dia Internacional da Mulher, a autora tece comentário sobre a presença da mulher nos Meios de Comunicação. Ao discutir a percepção do gênero dentro dos meios, Silvestrin vê que existem representações que difundem um conteúdo produzido em prol da mulher, de seus problemas e anseios.

Ao revisar 23 edições da revista, no período de 1984 a 1999, verificamos que apenas nove delas

divulgaram artigos, ensaios, relatos de pesquisa ou comentários tratando de questões relacionadas ao tema do gênero, direta ou indiretamente. Além de merecer pouca divulgação em uma das mais importantes publicações de circulação nacional, este levantamento também indica que o tema recebe pouca atenção dos pesquisadores e estudiosos brasileiros, pois dos nove trabalhos listados, cinco são de autoria de pesquisadores europeus ou anglo-americanos.

A Revista Comunicação & Sociedade

A Revista Comunicação e Sociedade, criada em 1978, consiste na reunião de artigos e matérias organizados em pequenos volumes, editados semestralmente. Cada edição é regida por um tema, que se torna o centro das discussões ali inseridas, mas sempre deixando espaço para textos que exponham outros aspectos da Comunicação.

Nosso trabalho buscou identificar quantas vezes esta revista abriu espaço para discussões sobre gênero, priorizando o papel da mulher nos Meios de Comunicação. A pesquisa abrangeu 32 edições, desde a inicial até a que foi editada no segundo semestre de 2002.

A temática da edição de número 8, de outubro/novembro de 1982, foi toda dedicada ao debate sobre gênero, tendo como título “*Mulher, Trabalho e Comunicação*”. Apresenta diversos artigos e depoimentos sobre a mulher nos meios de comunicação. Na verdade, o material publicado explora tanto o tema da mulher atuante nos próprios meios quanto a forma em como é retratada por eles.

O texto “O trabalho da mulher nos Meios de Comunicação” (ARAÚJO, 1982) é a transcrição de um debate promovido pela própria revista, em março de 1982, contando com a presença de Lélia Abramo, atriz de teatro e televisão; Nanete Voltoline, repórter de rádio e *free-lancer* na TV Globo; Ireda Cardoso, repórter da Folha de São Paulo e editora chefe da TV Mulher. As participantes discutiram a posição da mulher como profissional ativa nos MCM e os mitos e barreiras que ainda prejudicam a performance dessas profissionais, podendo deixá-las, em muitos casos, em desvantagem com relação aos homens. As debatedoras concordaram em quase todos os pontos discutidos; houve discordância apenas quando se tratava das exigências profissionais a elas atribuídas: enquanto Ireda afirmava que o fato de ser mulher exigia dela mais competência para se firmar

e conquistar seu lugar, Nanete sentia-se igualada aos homens em seu campo de trabalho, sem barreiras impostas pelo seu sexo. A conscientização da mulher também foi tratada, e as três concordaram que as trabalhadoras dos MCM têm certa obrigatoriedade em difundir métodos para essa conscientização. Esse é um quadro que, lentamente, vem sofrendo mudanças, mas no campo técnico-profissional a mulher ainda não alcançou seu lugar. Ainda não existem mulheres, no Brasil, nesta época, que se atrevam a “mexer nos botões” e trabalhem por trás das câmeras, como controladoras de som, cinegrafistas, até mesmo fotógrafas que busquem outro campo além do universo da moda.

Em “Mulher e Comunicação Alternativa: um processo de resistência em explosão” (FESTA, 1982), temos o relato do seminário ocorrido no México, em 1982, no Instituto Latino-Americano de Estudos Transcomunicacionais, intitulado “Comunicação alternativa da mulher na América Latina”, apoiado pela UNESCO, que buscou discutir a posição da mulher nos MCM e encontrar uma maneira de driblar a ordem vigente na imprensa nacional para divulgar o que não possui notoriedade nos veículos de massa. A discussão girou em torno de trabalhos feitos por mulheres e para mulheres, porta-vozes de grupos sociais oprimidos que estão em busca de um espaço que lhes proporcione mostrar sua realidade.

Já “Das mulheres, para as mulheres, com as mulheres” (VIEZEZER, 1982), envida-se a descrição de um programa metodológico sugerido para ser utilizado nas pesquisas científicas acerca da mulher e os Meios de Comunicação. O método é baseado na experiência da própria autora com uma trabalhadora boliviana, rendendo o ensaio “Se me deixam falar... Depoimento de Domitilda, uma mulher das minas da Bolívia” em que Domitilda conta sua história de vida para a pesquisadora, passando informações e participando das conclusões. É desse *feedback* que a autora sente falta nos trabalhos realizados no ramo, em que apenas os acadêmicos têm acesso aos resultados, e que acabam por não cumprir seu papel social de promover a liberação feminina.

Ainda na mesma edição, encontramos “A mulher na Música Popular Brasileira” (COSTA; CHAKUR, 1982) em que é feito um estudo sobre a figura feminina idealizada pelos compositores de MPB. A MPB é analisada como discurso que representa a relação do homem (criador) com a mulher (musa inspiradora), nas sociedades e respectivas épocas, desde as origens. As

músicas seriam reflexos das experiências dos autores nas relações, dentro de suas perspectivas, levando em consideração as posições sociais. O que se encontra no decorrer da história são afirmações de estereótipos femininos, resultantes de vivências, contextos culturais e sociais e modelos já absorvidos. A mulher, na MPB, resume-se à mulata sensual, à operária obediente, à prostituta ou à mãe, que encerra todas as virtudes. Há uma constante oscilação entre o amor tenro e inatingível e o ódio. Nesse contexto, a mulher busca adaptar-se aos elementos de idealização masculina, buscando identificação, com maior ou menos preocupação em se moldar, dependendo de sua classe social e postura pessoal.

Encerrando esta edição da revista, encontramos “Mulher trabalhadora” (LEMOS, 1982), que busca analisar uma das edições do suplemento semanal *Mulher*, do jornal *Folha de São Paulo*. É feita uma severa crítica com relação à maneira em que as mulheres são entendidas pelo suplemento e aos pressupostos envolvidos em relação a elas. Por exemplo: na matéria de capa “Mulher no trabalho: liberada ou escrava?”, mostra-se o pouco caso dispensado às trabalhadoras, considerando o trabalho fora do lar apenas uma extensão de seus afazeres domésticos, e não prestigiando-o como uma forma de libertação. Aquelas que trabalham fora não o fazem por gosto ou motivações próprias, mas apenas para completar o orçamento doméstico, cuja raiz é dada pelo marido. A abordagem dada pela reportagem reforça os preconceitos presentes na sociedade, indicando apenas os pontos negativos da mulher trabalhadora, como se o trabalho não doméstico fosse além das capacidades das mulheres. Lemos conclui que o suplemento não tem a real intenção de se dedicar à mulher, pois, se assim fosse, o compromisso com a luta pela liberdade feminina estaria presente, e os tipos comuns seriam abordados sob outro enfoque.

Após concluir a análise da oitava edição de *Comunicação e Sociedade* (1982), continuamos a procurar, entre as seguintes, artigos que implicassem alguma preocupação para com a mulher nos Meios de Comunicação Social. Para nossa decepção, raros trabalhos mostraram alguma preocupação com o gênero. Por exemplo: um deles apresentava uma análise da figura de Nossa Senhora no comportamento feminino, sem citar a Comunicação, e outro tratava de referências ligando apenas mulheres à AIDS, no jornal *Folha de São Paulo*, entre 1994 e 1995. Além desses, apenas algumas resenhas de livros tangenciavam as relações

de gênero, porém nenhum delas se enquadrava, propriamente, como textos preocupados ou centrados na temática destas relações. Até o segundo semestre de 2002, completando mais de duas décadas, apenas textos já descritos foram encontrados, extensão irrisória, perto da importância do tema para os estudos de Comunicação.

A pouca atenção dada ao estudo das relações de gênero, nesta revista, reflete em como o campo da Comunicação tem deixado de lado um tema de grande importância, e quão aberta tal perspectiva se encontra na área. A ausência de uma análise mais concreta das relações de gênero em época mais recente, já que todas as referências encontradas datam do início da década de 80, sinaliza que o tratamento da temática não sofreu grandes mudanças ou o que foi ventilado não chegou a ser de todo significativo. Identificar tais mudanças e registrá-las, de maneira que não permaneça aberta uma lacuna tão grande, constitui um importante objeto de estudo para a pesquisa em Comunicação do presente.

Referências

- ALDANA, S.; GÓMES, R. Perfil del trabajador de prensa. *Dia-logos de la Comunicacion*, Lima, n. 51, p. 105-120, mayo 1998.
- ALTADILL, E. G. et al. Telenovela made in Brazil. *Revista Brasileira da Comunicação Intercom*, São Paulo, v. 13, n. 62/63, p. 57-62, 1990.
- ARAÚJO, L. O trabalho da mulher nos meios de comunicação. *Comunicação e Sociedade*, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 5-16, nov. 1982. Transcrição de debate feito entre Lélia Abramo, Nanete Voltoline e Irede Cardoso.
- BARBOSA, M. A visão da mulher nas revistas de crítica e de costumes no Rio de Janeiro do início do século. *Revista Brasileira da Comunicação Intercom*, São Paulo, v. 12, n. 61, p. 62-88, jul./dez. 1989.
- BUONANNO, M. Figura paterna: rumo a um imaginário sem mãe? *Revista Brasileira da Comunicação Intercom*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 49-64, jul./dez. 1997.
- COSTA, N. M.; CHAKUR, R. J. A mulher na música popular brasileira. *Comunicação e Sociedade*, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 88-103, nov. 1982.
- FESTA, R. Mulher e comunicação alternativa: um processo de resistência em explosão. *Comunicação e Sociedade*, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 17-28, nov. 1982.

- GARCIA, H. P. El consultorio radial: ese viejo desconocido. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 34, p. 58-66, sept. 1992.
- KOGAN, L. Descifrando los cuerpos sociales: una aproximación sociológica. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 46, p. 5-9, oct. 1996.
- LEMOS, M. A. Mulher trabalhadora. *Comunicação e Sociedade*, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 134-141, nov. 1982.
- LOPES, M. I. V. Estratégias metodológicas e pesquisas de recepção. *Revista Brasileira da Comunicação Intercom*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 78-87, jul./dez. 1993.
- MAHONEY, E. Woman, equality and media: an appraisal for the 1990's. *Revista Brasileira da Comunicação Intercom*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 80-97, jan./jun. 1992.
- MANDRESSI, R. Monstruos de una especie y outra: cruce de generos em el espetaculo. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 46, p. 10-16, oct. 1996.
- MAZZIOTTI, N. Monjas e indios, picardia y comedia: dos modelos en las telenovelas argentinas en la decada del 90. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 44, p. 53-64, marzo 1996.
- MORENO, R. M. Los nuevos horizontes de la participacion politica de la mujer. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 46, p. 22-37, oct. 1996.
- NAVARRETE, J. C. P.; TORRES, S. M. R. Exploracion de genero, raza y clase em dos piezas literarias representativas de feminismo utopico: Herland y mujeres al borde del tiempo. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 46, p. 38-44, oct. 1996.
- PORZECANSKI, T. El silencio, la palabra y la construccion de lo femenino. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 46, p. 17-21, oct. 1996.
- REGO, C. M. Photonovels in Latin America: just a tool for social conformity. *Revista Brasileira da Comunicação Intercom*, São Paulo, v. 14, n. 65, p. 96-111, jul./dez. 1991.
- RICO, C. Hombres y mujeres que deciden: el espacio público empresarial uruguayo. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 46, p. 61-64, oct. 1996.
- SANABRIA, R. G. Cien años de cine: voces de mujer. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 43, p. 76-82, sept. 1995.
- SARLO, B. La narrativa sentimental: el genero y la lectura desde la perspectiva sociocultural. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 30, p. 21-39, jun. 1991.
- SILVESTRINI, C. B. Gênero nos meios de comunicação. *Revista Brasileira da Comunicação Intercom*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 163-167, jan./jun. 1999.
- TUFTE, T. Como as telenovelas servem para articular culturas híbridas no Brasil Contemporâneo? *Revista Brasileira da Comunicação Intercom*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 34-53, jul./dez. 1995.
- VIEZZER, M. Das mulheres, para as mulheres, com as mulheres. *Comunicação e Sociedade*, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 29-59, nov. 1982.
- VINK, N. La subcultura de la clase trabajadora y la codificacion de la novela brasileña. *Dia-logos de la Comunicación*, Lima, n. 34, p. 26-37, sept. 1991.
- WHITE, R. A. Media reception theory: emerging perspectives. *Revista Brasileira da Comunicação Intercom*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 17-35, jan./jun. 1993.

Data do Aceite: 2005.